



ROSÂNGELA VIEIRA ROCHA

VÉSPERA DE LUA

2ª edição

Editora Penalux
Guaratinguá, 2015



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R672v ROCHA, ROSÂNGELA VIEIRA. 1953 -
VÉSPERA DE LUA / ROSÂNGELA VIEIRA ROCHA. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2015. - 2ª EDIÇÃO.

144 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-69033-66-0

I. ROMANCE I. TÍTULO.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

I

Se pudesse destruir todas as pontes e dizer ah, estou aqui, eu vim, vim para o amor, todas essas frases cinematográficas e baratas, ou não tão baratas, as frases que selecionava de seus poetas prediletos e que escrevia nas primeiras páginas dos livros, nos cadernos, há anos, muitos. Pudesse dizer isso sem culpas e agir solta, um bicho. Entregar-se uma única vez a um grande impulso e esquecer a idade que tem, os anos, tantos, que peso, e quer a leveza, ser finalmente leve, mula sem cabeça, só os sentidos e o coração. Não rever mais o vivido, parar de passar eternamente a fita procurando as lições, os caminhos, justificando-se para si mesma. Conseguir nascer de novo sem o antes, nenhuma opção feita, nem compromissos nem a culpa. Empurrar a vida vivida dentro de um poço e nunca mais reencontrá-la. Pudesse fazer a mágica sem magoar

ou ferir, como é torturante a certeza de provocar a dor. Sabe que algumas escolhas não são descartáveis e não se pode desfazê-las. E, até para mudar seus rumos, é necessário reconhecê-las. Mas não quer o reconhecimento, está sem forças. Fosse possível, apagaria suas experiências com um apagador gigante. A consciência de que não descansa porque o vivido não deixa, sempre as lembranças, tantas coisas, assumiu responsabilidades, lutas, e ainda existem todos os pontos de referência, não quer referências, ai, liberdade é palavra bonita e inatingível. Não somar nunca mais acertos e erros, só queria a graça, a dos escolhidos, de reaparecer outra, nova em folha e sem história. Pudesse não acrescentar nem pesar nem comparar. Ser incoerente, inconsciente – por que não? –, mas com a segurança de não ter recaídas.

Tem de escutar o barulho dos granizos. Que tarde!, não poderia ser mais trágica. O vento parece uma cantiga de bruxa, uma só não, é um coro de bruxas furiosas, batendo seus cabos de vassoura.

Acha que não vai conseguir passar de hoje. E procura palavras, ah, as palavras, ai, palavras que digam o que seu corpo grita. Sabe o perigo das palavras. Queria tê-las amigas, próximas e solidárias, mas, quando as busca, sente a inutilidade do gesto.

A morte deve ser assim, sem palavras. Estar sem elas é entregar-se ao tédio, à mesmice sem graça dos gestos diários. Ir atrás de palavras lhe dá a ilusão de que, de

alguma maneira, o movimento lhe pertence. E, se puder se movimentar, não morre.

Jamais seria escritora, não tem disciplina. Além disso, escrever é tão cansativo e enjoado. Talvez por isso as pessoas que escrevem sejam enfadonhas, que castigo, as palavras. Não quer lhes pagar nenhum tributo, só usá-las para apaziguar-se.

A personagem de Liv Ullmann não lhe sai da cabeça:

Queimei todas as pontes, só para estar com você. Não posso mais desistir.

Sabe que é impossível queimar pontes, pelo menos para ela sempre foi difícil. Procura em si a coragem, eterno objeto de admiração. Poderia algum dia ser audaz?

Se E morresse tudo seria tão simples. Choraria muito, pobre E, pessoa tão boa, que pena, diriam. E dentro do caixão com uma infinidade de flores brancas e amarelas. Sentiria sua falta, uma grande falta concreta para ser sentida. Seria capaz de morrer de chorar, melhor morrer de tristeza que de medo. Um pouco antes da morte se descobriria livre e sem peso na consciência, livre e limpa. Sofrer por E seria sua purgação.

Todos lamentariam sua sorte e por isso teria permissão para lamentar-se, não esse lamento de agora, que nem ela mesma consegue levar a sério. A perda sem remédio, o cadáver e as flores talvez pudessem lhe servir de passaporte para o mergulho numa dor inquestionável. Teria um

motivo real para sofrer à vontade, ela que tem sido sempre acusada de inventar o sofrimento.

Comove-se com a mentira e chora sentindo o cheiro dos monsenhores, tantos quantos convêm a um cadáver especial. Os amigos lhe dão abraços de pêsames. Encolhe-se para recebê-los, imaginando-se na cozinha tomando mingau de aveia feito por alguma amiga prestativa. Detesta mingau de aveia mas engole algumas colheradas só para retribuir a solidariedade alheia.

Perdeu **E** e agora nada lhe importa ou tudo lhe importa porque conseguiu de novo o seu marco zero.

Envergonha-se de sua covardia, horrorizada. Não deseja que **E** morra de verdade, só queria não ter de enfrentar o desencanto e o próprio fracasso. Foi difícil unir-se a **E** mas muito mais difícil é deixar **E**. Que motivos concretos poderia apresentar? É lícito, é justo, é suficiente o fato de não sentir mais desejo? Desde quando **E** pertenceria ao grupo das irmãs, irmãos? E se a continuidade do desejo fosse um embuste, se todos soubessem há séculos que não perdura e só ela ignorasse? Mãe, quando não se deseja mais, o que se deve fazer? Pai, quanto tempo dura o desejo? cinco, dez, vinte anos, quanto tempo? Irmã, como posso dizer a **E** que está tudo bem, a culpa não é sua, é minha, não mereço perdão porque parei de sentir, não quero sexo, mas era bom, não era, não, talvez sim, não sei. Mudei e mereço pagar por isso, ou, quem sabe?, o problema é que continua a mesma pessoa enquanto não sou mais a mesma

ou ainda – segundo opiniões abalizadas, sempre sobre o sexo dos outros – o nó da questão é o relacionamento, já que sexo é feito a dois, pelo menos usualmente.

É possível que seja uma crise passageira, quem sabe tudo pode se reverter, voltar a ser como antes. E depois, o relacionamento entre irmãos não tem fim. Se E realmente tivesse se transformado em irmão, irmã, carne e osso semelhantes, estaria presa para sempre.

Imóvel, em oração, espera a graça de sentir o corpo vibrar de novo.

II

Já é de madrugada e não pregou o olho, lentamente retirando da memória as cenas eróticas de que foi protagonista. Acha que se fizer um esforço muito grande conseguirá montar o filme que condensa todas as experiências sensuais de sua vida. Ou pelo menos as fortes, que marcaram época, dignas portanto de nota.

Contudo, não encontra nada: está oca, seca, ser vivente assexuado. Lembra-se vagamente de uma beleza que tinha, ela sempre elogiada, esbelta, nasceu de olhos verdes, sempre achou isso uma sorte. A mãe sempre lhe dissera que as pessoas valorizam olhos de cor. Nunca entendera bem essa frase da mãe. Castanhos, pretos não são olhos de cor? Por que esse cartaz todo do azul e do verde? Bem, mas não iria questionar um de seus maiores trunfos, poderia fazê-lo depois, mas hoje, hoje não. Não depois do dia que teve, nada deu certo no emprego,

impuseram-lhe uma funcionária que não queria. E, como se fora pouco, o comentário de Neusa sobre a tintura de seu cabelo, ficou escuro demais, você é muito nova para tingir de castanho-escuro, marcou o rosto, pesou a fisionomia. Foi a primeira vez, teve vontade de dizer-lhe. Na quarta ou quinta lavagem a tinta começará a sair, deixem-me em paz, tenho o direito de errar o tom, também erro, eu quero errar. De amantes não se lembra, é inútil, só ouve a voz de Neusa fazendo boca de baba-do enquanto fala na tinta, sem saber que sua permanente não deu certo, o cabelo dela é fino demais, se assemelha a paina. Que derrota de permanente, o cabelo está igual a um chiclete mascado por uma onça, chicletão de onça é o que parece. Teve vontade de dizer-lhe, ferina, que sábado os cabeleireiros pareciam estar de complô contra as funcionárias públicas. Mas não disse nada porque Neusa é assim mesmo, não falou com agressividade, apenas com aquele jeito meio fora de moda ou, quem sabe?, meio ingênuo, de quem acredita que só por serem verdadeiras as verdades devem ser ditas. Ela com seu ar de executiva despachada, entra ano, sai ano.

O assunto da tintura vem e volta, planejara refletir sobre o essencial, que droga, então a história de seu desejo não era essencial, claro que era, era? Os neuróticos sempre se desconectam dos temas que realmente lhes dizem respeito – de quem teria escutado essa pérola do psicologismo e do lugar-comum? E se classificarmos tudo, prendermos num cercado as pessoas com a etiqueta neuróticas, será que deixarão de tingir o cabelo?



www.editorapenalux.com.br



rosavi@uol.com.br